

O COTIDIANO DOS GUARANIS

LOGO APÓS A DISPERSÃO DAS MISSÕES*

*Paulo Rogério Melo de Oliveira ***

Este artigo é parte da tese de Mestrado que estou desenvolvendo no curso de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina, e se apresenta como uma primeira tentativa de retirar os Guaranis do esconderijo social ao qual foram confinados pela historiografia, tal como filhos bastardos que precisavam ser escondidos da sociedade, quer por motivações ideológicas, quer por impotência metodológica.

Ao contrário do que acontece com o período missioneiro sobre o qual é prolífera a produção historiográfica, muito pouco se sabe sobre os Guaranis após a expulsão dos Jesuítas dos "pueblos". Nosso interesse concentra-se exatamente nesse período, onde buscaremos apreender alguns

* Versão parcial do presente artigo foi apresentada, na forma de comunicação, no 5º encontro estadual de história de Santa Catarina no ano de 1994

** Graduado em história pela Universidade Federal de Santa Maria. Ingresso no curso de mestrado em história em 1994, tendo como orientadora a Dr^a. Joana Maria Pedro.

aspectos da vida social e cotidiana dos Guaranis, e as formas como engendraram a sua sobrevivência após a dispersão das Missões.¹

Para que possamos apreender alguma dimensão do cotidiano desse grupo é necessário que nos afastemos um pouco, ou pelo menos tomemos a distância necessária, dos velhos, abrangentes e já consagrados temas da historiografia rio-grandense e , também, dos esquemas teóricos inflexíveis que, na tentativa de superar a chamada visão tradicional da história, colocaram-na numa moldura teórica inexpugnável. A visão linear da história nas suas vertentes conservadora e progressista não deu respostas satisfatórias à complexidade da vida social que permaneceu escorregadia e esquiva às explicações casualistas e aos reducionismos esquemáticos. Dado este primeiro e importante passo metodológico de afastamento sem perder de vista e de desarmamento teórico pesado, poderemos penetrar num outro universo ainda pouco freqüentado pela historiografia, onde o "contingencial", o "fortuito" e a "inventividade" dos agentes históricos estão sempre presentes, desobedecendo e destituindo racionalidades e escapando ao domínio dos enquadramentos normativos² Isto significa

¹O período aqui estudado situa-se entre as décadas de 1750 e 1830.

²Sobre o elemento "contingencial", "fortuito" e a "inventividade" dos sujeitos nos processos históricos e para um aprofundamento teórico e metodológico da relação entre os agentes históricos e os papéis prescritos e normativos, ver: DIAS, Maria Odila da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do

abandonar momentaneamente a "sala de visitas da história"³ e concentrar o foco nas margens das cidades, em torno dos agrupamentos militares e nas choupanas paupérrimas das estâncias onde os Guaranis lutavam pela sobrevivência, improvisando e descobrindo no dia a dia, na vivência do jogo social, canais para a sua integração na "globalidade do processo histórico do seu tempo"⁴. A partir da articulação de algumas evidências reveladoras das experiências cotidianas dos Guaranis com o movimento mais geral da sociedade rio-grandense, tentaremos compreender como se construía e se organizava o universo relacional dos Guaranis.

O cotidiano é entendido aqui enquanto lugar da sobrevivência, da improvisação, onde se configuram e se desenrolam os conflitos sociais e as múltiplas relações que deles emergem. Esta perspectiva de abordagem que tem no pormenor e nas micro situações do cotidiano o seu ponto de partida, buscando suas vinculações com o global, abre caminhos de acesso às formas de vida social dos grupos alijados do poder, do processo produtivo nuclear e, mesmo, da historiografia. Ir ao encontro desses grupos nos possibilita perceber toda uma teia de relações, solidariedades e

cotidiano. in, COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (org). Uma questão de gênero. ed. Rosa dos tempos. pp. 50-51.

³BOSI, Ecléa. As outras testemunhas, prefácio in Maria Odila, Cotidiano e poder em S.P. no século XIX. S.P. ed. brasiliense, p.3.

⁴DIAS, Maria Odila da Silva. Cotidiano e poder em S.P. no século XIX. S.P. ed. brasiliense, p. 7

moralidades situadas para além do alcance das normas e instituições, onde esses grupos vão encontrar, nas rachaduras sociais, o seu espaço de atuação e inserção. Utilizamos, portanto, o cotidiano não somente como a vida de todos os dias ou o lugar onde se desenrola uma trama, mas como um recurso analítico que nos possibilita perceber vários elementos constitutivos dessa trama. Se é no cotidiano que se desenvolvem os conflitos sociais, é nele, também, que vamos encontrar as pistas e evidências para compreendê-los.

Neste artigo, dado as dimensões que se exige, limitamo-nos aos relatos de Saint-Hilaire e a algumas breves passagens historiográficas. As observações de Saint-Hilaire constituem nossa principal forma de acesso ao modo de vida dos Guaranis. Ao longo dos relatos do viajante francês, anotados durante o período em que esteve de passagem pelo Rio Grande do Sul(1821), afloram situações e relações da vida cotidiana reveladoras do poder de inventividade dos Guaranis frente a um complexo sistema de dominação que, por interesses específicos, os mantinham afastados das possibilidades de acesso aos meios formais para alcançar alguma estabilidade social.

Miriam Moreira Leite, no livro “A condição feminina no Rio de Janeiro, Século XIX”,⁵ já salientou a importância e a especificidade dessa fonte como contribuição para a elucidação de alguns aspectos da vida social dos povos visitados pelos viajantes. O distanciamento geográfico e cultural constitui um dado importante que dá relevo e distingue esta fonte de outras. Por não fazer parte da cultura visitada, o viajante consegue enxergar com maior alcance e nitidez as relações sociais, obtendo um ângulo menos parcial para suas observações. Também pelo fato de ser estrangeiro, sua percepção e senso crítico estão mais aguçados do que o da maioria dos habitantes locais. O que para estes, pelo fato de compartilharem cotidianamente das mesmas experiências, é visto como normal e corriqueiro, como por exemplo o amancebamento de brancos com índias, para o viajante vai se afigurar como algo inteiramente novo, surpreendente e, até mesmo, denunciador da ausência de uma postura mais civilizada. Por outro lado, as impressões e observações dos costumes locais estão impregnadas de valores e preconceitos que constituem a sua bagagem cultural. O parâmetro de avaliação do comportamento e modos de vida dos povos visitados é a comparação com o seu local de origem, no

⁵LEITE, Miriam Moreira(org.). A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX. ed.edusp, S.P. 1981. pp.17-34.

caso de Saint-Hilaire, a sociedade francesa do início do século XIX. Desta comparação entre uma sociedade branca, civilizada e sólidamente estruturada e outra difusa, mestiça e semibárbara, resultam os relatos. Assim sendo, se faz necessário um minucioso esforço de historicização e decodificação das informações para que possamos ter uma visualização das relações sociais analisadas, apesar das lentes carregadas do visitante europeu.

Num estudo sobre as experiências de escravos e ex-escravos nos últimos anos de escravidão na corte, Sidney Chalhoub mostrou como a utilização descontextualizada dos relatos dos viajantes pode conduzir o pesquisador a conclusões bastante infelizes⁶. Trata-se da crítica dirigida por Chalhoub à teoria do escravo-coisa elaborada por Fernando Henrique Cardoso e Jacob Gorender com base nos estudos de Perdigão Malheiro. O que em P. Malheiro aparecia como possibilidade, isto é, o próprio cativo PODIA acreditar que era "um pouco mais do que um irracional",⁷ vai se configurar 100 anos depois com F.H. Cardoso em "verdade absoluta, expressa com rigor científico apropriado": "...a reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente"⁸, ou seja, os escravos criavam a

⁶CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*. S.P. Cia das letras, 1990, pp. 35-42.

⁷MALHEIROS, Perdigão. citado por CHALHOUB, Sidney. in. op. cit. p. 38.

⁸CHALHOUB, Sidney. op. cit. p.38

auto-imagem de seres incapazes de elaborarem seus próprios códigos e valores e de atuarem e pensarem conscientemente, e por categorias próprias, o seu mundo. Para sustentar tal teoria o sociólogo recorre aos relatos dos viajantes, entre os quais Saint-Hilaire. Não há nada de errado em utilizar esta documentação e isso já demonstramos anteriormente, o problema reside é na forma como ela vai ser utilizada. F.H. Cardoso e J. Gorender incorporaram aos seus textos algumas passagens dos relatos referentes aos negros sem o menor cuidado de contextualização da fonte e de quem a produziu. Segundo Chalhoub, os recursos metodológicos de que dispunham esses pesquisadores não permitiriam a eles chegarem a outras conclusões senão a estas a que chegaram.

Podemos dizer, com Maffesoli, que a visão linear da história, presente nos textos de F.H. Cardoso e J. Gorender, que lhe atribui um sentido, uma direção, tende a desconsiderar as pequenas atitudes cotidianas por não afinarem do mesmo diapasão da lógica progressista que uniformiza o movimento da história. No entanto, lembrando novamente Maffesoli, "...a vida social é fragmentada e totalmente plural", e as mínimas manifestações cotidianas exprimem algo de essencial da vida social⁹.

⁹CARDOSO, Fernando Henrique. Citado por Chalhoub, Sidney. in, op. cit. p. 38.

Se fôssemos nos valer do mesmo expediente metodológico questionado por Chalhoub e assumíssemos a visão do viajante como sendo uma impressão fiel do concreto, do vivido, chegaríamos à conclusão de que as índias guaranis eram mulheres destituídas de virtudes e resumiam-se a objetos passivos da luxúria dos homens do pampa. Pois, como escreveu Saint-Hilaire, "A facilidade com que estas mulheres se entregavam, sua docilidade, sua bronquice mesmo, são atrativos para esses homens rudes que não visam nada além do que o instrumento do prazer."¹⁰

Observações como as de Saint-Hilaire contribuíram enormemente para a construção de um estereótipo da mulher indígena que se cristalizou na historiografia brasileira e que via a índia apenas como o "instrumento do prazer" ou o ventre passivo onde os agentes do colonialismo depositavam pequenas e generosas sementes de civilização. Isto revela a dificuldade dos nossos pesquisadores de pensarem as mulheres, sobretudo as índias, como seres históricos.

Nosso percurso, entretanto, é outro. Atentos à relevância dos pequenos gestos do cotidiano, estamos propondo uma nova forma de dialogar com os vestígios de existência concreta dos Guaranis. Antes de

¹⁰MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. R.J. ed. Rocco, 1984, p. 11.

aceitar a visão do viajante é necessário interrogá-la, vasculhá-la, submetê-la a uma rigorosa seção de análise, enfim, numa terminologia mais apropriada, historicizá-la no contexto na qual foi construída. Trata-se, também, de situar o discurso do viajante no seu devido lugar. A "vulgaridade" das índias, sua "bronquite" e a "facilidade" com que se entregavam aos homens, espantaram o visitante francês que trazia na sua bagagem, entre outras coisas, um sólido referencial acerca do comportamento feminino. Em oposição à desvirtuada, tosca e decadente mulher guarani, Saint-Hilaire ressalta e exalta o perfil sóbrio e, por vezes, gracioso, do recato, da reserva e da alva beleza das senhoras, explicitando também o tom de cor da civilização: "Entre as mulheres que vi em casa do Sr. Patrício havia algumas bonitas. Na maior parte eram muito brancas, de cabelos castanhos escuros e olhos pretos, algumas graciosas, porém sem aquela vivacidade que caracteriza as francesas." E mais adiante, "Todas as mulheres que tenho visto de Rio Grande a essa parte são bonitas. Têm olhos e cabelos negros, cútis branca e têm sobre as francesas a vantagem de serem mais coradas."¹¹

Saint-Hilaire constrói um inconfundível jogo de imagens hierarquizadas no qual se perfilam tipos femininos que se aproximam ou se

¹¹SAINT-HILAIRE. Viagem ao Rio Grande do Sul. pp.108-109.

afastam, conforme o tom de pele, o comportamento e a posição social. Uma poderosa arquitetura valorativa que exprime e reforça, com nova roupagem (a visão de um naturalista erudito), os valores de pureza de sangue que estiveram na base da expansão européia. No topo do implacável arranjo estão as francesas, mulheres brancas, educadas e refinadas, adjetivos estes que são sinônimos de civilização. Um pouco mais abaixo estão as mulheres brancas da Capitania, não tão educadas, mas muito brancas e graciosas, embora, naturalmente, sem a vivacidade das francesas. E, bem mais abaixo, "desgraçadas" por não terem sido abençoadas com os traços delicados e a cor angelical que confere graça, beleza e respeito, estão as infelizes guaranis.

Logo no primeiro contato com os Guaranis, Saint-Hilaire destila toda a força do seu preconceito sobre o tipo físico indiático numa passagem emblemática: "Esses homens são todos baixos, têm o peito de largura exagerada, os cabelos negros e lisos, o pescoço curto, uma fisionomia verdadeiramente ignóbil."¹² Numa outra passagem ele vai constatar que o costume de comer carne e limitar as habilidades a montar o cavalo, reduz os homens da Capitania "à condição de indígenas e distancia-os da Civilização." Então vejamos, existem costumes e maneiras

¹²idem, pp. 38-85.

de viver e trabalhar que pertencem ao mundo civilizado, do qual Saint-Hilaire faz parte, e existe um outro mundo organizado a partir de costumes semi-selvagens, indígenas como preferiu o visitante, que precisa civilizar-se.

O emprego dessa importante e indispensável documentação requer, como vimos, uma atenção especial para que possamos perceber dois elementos constitutivos do discurso que estão enfrontados um no outro: de um lado a visão do viajante acerca do modo de vida do lugar visitado, de outro, aquilo que compõe efetivamente o conjunto das relações locais.

Um dos grandes méritos de Saint-Hilaire foi ter conseguido enxergar com muita clareza a precária condição social a que estavam sujeitos os indígenas. "Depois da saída dos Jesuítas os índios das Missões ficaram entregues aos soldados e homens corrompidos, vivendo atualmente da pilhagem, no meio das desordens da guerra, não sendo de admirar se suas mulheres não mais conheçam o pudor." ¹³

Numa leitura mais cuidadosa do texto de Saint-Hilaire podemos perceber as formas como os Guaranis improvisavam sua sobrevivência. A prática da pilhagem e a perda do pudor eram, possivelmente, as alternativas de sobrevivência ditadas pelas necessidades do cotidiano "em

¹³idem, p. 18.

meio às desordens da guerra." Visto desta forma, a perda do pudor poderia significar um teto para morar e garantia de alimentação. Maria Odila nos informa que de todas as mulheres da colônia, as índias eram as mais destituídas.¹⁴

Segundo Francisco de Paula Cidade, coronel e historiador local, "... As chinas, tornaram-se problema sentimental desde que a chamada região de oeste, a chamada região missioneira, saiu das mãos dos Jesuítas. Conseqüentemente, carregadas de filhos, decaídas na maior miséria física e moral, essas desgraçadas, se não conseguiam arrimar-se a um homem que as sustentasse, enxameavam em torno dos quartéis e acampamentos."¹⁵ Pobres, decaídas, cheias de filhos. Estamos diante da miséria cotidiana das mulheres guaranis que, fervilhando em torno de pequenas aglomerações, quartéis e acampamentos militares, podiam prostituir-se para a soldadesca acantonada na região. Alheias às prescrições normativas, estas mulheres costuravam no seu dia a dia os espaços de penetração e inserção social. A prática do concubinato e da prostituição, reprovadas veementemente por moralistas, religiosos e viajantes, se desenvolveu concomitantemente ao processo de ocupação do sul do Brasil e suas vicissitudes, e passou a fazer

¹⁴idem, p. 21.

¹⁵ODILA, Maria. Op. cit. p.

parte do cotidiano dos moradores da região. Segundo Saint-Hilaire, as uniões ilícitas eram "...um costume geral da região." "Esse homem - escreveu o viajante - parece seguir o costume geral da região, porque logo ao chegar encontrei à porta de seu quarto uma índia muito bonita e regularmente vestida, que se balançava numa rede, entrando várias vezes em seu quarto." Referindo-se a outro homem escreveu: "Esse homem faz-se acompanhar de uma pequena índia, muito bonita, 14 anos, a qual tem mãe e um irmãozinho (...). O vaqueano é casado e tem mulher em sua estância, entretanto trás sua índia. Quase todos os milicianos acantonados nesta parte da fronteira meridional são assim amasiados às índias."¹⁶

Estas pequenas cenas cotidianas captadas pelo viajante têm algo de essencial a nos dizer no que se refere às formas como os moradores da Capitania, em especial os indígenas, se adaptavam às necessidades concretas de uma fronteira litigiosa disputada pelas duas coroas ibéricas. Havia um distanciamento muito grande entre as normas civis e eclesiásticas, sobretudo estas, em relação às normas sociais, ou seja, o conjunto de relações e comportamentos gerados a partir das necessidades e

¹⁶CIDADE, Francisco de Paula. Dois ensaios de História. R.S. ed. Biblioteca do Exército. 1966, pp. 105-106.

conflitos do cotidiano de cada sociedade. E é exatamente para estas normas sociais que as pequenas cenas citadas acima estão nos chamando atenção. Sabe-se da antiga insistência da Igreja em desmotivar as uniões ilícitas, sobretudo as inter-raciais, e do esforço dos Jesuítas em disseminar os valores cristãos, especialmente entre os Guaranis, que estiveram por quase dois séculos sob seus ensinamentos e adestramento sexual. No entanto, para as mulheres guaranis, antes donzelas que alegavam ser o vaso do Senhor Sacramentado, o concubinato e a prostituição significavam, antes de tudo, sobrevivência. As índias que aparecem nas citações anteriores faziam parte de um grupo de famílias que haviam deixado a aldeia de Entre-rios e se estabelecido em míseras choupanas de estâncias, onde trabalhavam temporariamente para os estancieiros, quando havia falta de escravos. Mergulhados na mais absoluta miséria esses grupos circulavam de estância em estância buscando algum trabalho, uma brecha qualquer para se alojarem. Carlos Dante de Moraes, apoiado nos relatos de Saint-Hilaire, nos sugere um quadro de absoluta marginalidade dos Guaranis, desconectados do processo histórico de seu tempo. "O que nós vemos ali são algumas centenas de velhos, mulheres e crianças, acampados à margem da sociedade patriarcal da Província e sem poderem nela se

integrarem. Os varões moços estão quase todos fora das aldeias, no serviço das armas, vivendo entre a peleja, o ócio e o saque."¹⁷

Estar acampado à margem da sociedade patriarcal não significa não estar integrado na globalidade do processo histórico. A inserção dos Guaranis, e é isto o que está conduzindo nossa pesquisa, se dava por outras maneiras que não aquelas previstas e instituídas pelas instâncias dominantes. Era através da improvisação de atividades informais, sugeridas na vivência do jogo social, que os índios guaranis construíam os seus espaços de inserção. Numa abordagem mais indiciária ¹⁸, que busque perspectivas menos heróicas dos textos de Saint-Hilaire, F.P. Cidade e Carlos Dante de Moraes, é possível surpreender os Guaranis instalando-se das mais variadas formas e nos mais variados espaços sociais da sociedade rio-grandense. Embora de uma forma bastante precária e instável, eles estão presentes na agricultura como mão -de -obra alternativa à escrava, nas estâncias como peões improvisados, praticando pequenos furtos, estão presentes no exército e alojados nas estâncias como concubinas. Carlos Dante de Moraes, sem se dar por conta, nos oferece fortes indícios de uma resistência surda, caótica, mais ou menos

¹⁷SAINT-HILAIRE. op. cit. p. 109.

¹⁸Sobre o método indiciário ver: GINSBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais.S.P., 1990 e CHALHOUB, Sidney. Visões da liberdade

generalizada entre os Guaranis, manifesta a partir de um certo "desdém" (na falta de termo melhor) ao trabalho regular. "Os varões moços estão fora das aldeias - diz C.D. de Moraes - vivendo entre a peleja, o ócio e o saque..." são "...incapazes de afeição e gratidão. Só sabem montar, pelear no regimento, em geral coagidos, e alugar-se como peão de estância. Mesmo neste último mister é inconstante e incerto."¹⁹

É recorrente na historiografia expressões como indolente, preguiçoso, pouco afeito ao trabalho, infiel, etc. No entanto, expressões como estas que reforçam o estereótipo do índio preguiçoso e da índia infiel, instrumento do prazer, podem ser vistas como sendo possíveis de exprimir a resistência dos mesmos frente a toda uma situação de conturbada mudança que se verificou após a desagregação das Missões. Resistência espontânea, quase imperceptível, verificável em certas atitudes refratárias como o pouco caso que faziam do trabalho regular, mas que podem nos abrir caminhos de acesso ao seu mundo e a sua lógica temporal.

Lembramos que não se trata aqui de conferir glórias nem tampouco de elevar à categoria de heróicos os pequenos gestos do cotidiano, mas tão-somente de tentar apreendê-los à luz de uma metodologia que lhes dê

¹⁹MORAES, Carlos Dante de. Figuras e ciclos da história Rio-Grandense. Porto Alegre. ed. globo, 1959, p. 45.

significados mais amplos no conjunto da trama social. É com esta perspectiva de abordagem que pretendemos perseguir as pistas dos Guaranis e retirá-los das masmorras de uma história totalizante e mostrá-los não com a pompa dos objetos ilustres, mas como sujeitos históricos, historicizados no seu devido contexto.